

Documentos de professores como fontes para a história da Educação Matemática: o Arquivo Pessoal Euclides Roxo – APER

*Wagner Rodrigues Valente**

Resumo: Este texto tem por objetivos: destacar a importância que vem ganhando o uso de arquivos pessoais nas práticas historiográficas; salientar a relevância dos arquivos pessoais de professores de Matemática para a história da Educação Matemática no Brasil; divulgar o Arquivo Pessoal Euclides Roxo – APER e analisar, utilizando o APER, como uma proposta de reforma do ensino de Matemática, surgida na República Velha, é incorporada pelo governo revolucionário de Getúlio Vargas.

Palavras-chave: história da Matemática, Educação Matemática, Euclides Roxo, arquivo pessoal, historiografia

Teachers' documents as sources to the history of Mathematics education: Euclides Roxo's personal archive

Abstract: This paper is aimed to highlight the growing importance of the use of personal archives in historiographic practices and the relevance of mathematics teachers' personal archives to the history of mathematics education in Brazil. The text is also intended to promote Euclides Roxo's personal archive and analyze, by using it, how a proposal to change the teaching of mathematics which occurred during Washington Luis's government was maintained by Getúlio Vargas' revolutionary movement.

Key words: history of mathematics, mathematics education, Euclides Roxo, personal archives, historiography.

O uso de documentos privados como fontes de pesquisa vem dando um novo rumo às práticas historiográficas. Segundo Prochasson (1998, p.

21), dois parecem ser os motivos que podem esclarecer esse gosto pelos arquivos privados: o primeiro está relacionado à História Cultural e, mais especificamente, aos estudos sobre intelectuais; o segundo liga-se diretamente ao anterior e diz respeito à mudança de escala de observação do social, que levou ao interesse por fontes menos seriais e mais qualitativas. De todo modo, foi há pouco mais de 20 anos que os historiadores voltaram seus interesses ao que podemos chamar de fontes privadas. Prochasson esclarece, ainda, que os papéis pessoais, inicialmente, atraíam apenas historiadores da literatura ou da arte que, com esses documentos, santificavam os grandes escritores ou artistas.

Os estudos sobre a história da Educação Matemática no Brasil, apesar de serem ainda pouco numerosos, vêm dando os primeiros passos no sentido de ampliar o leque de fontes para a escrita dessa história. Para além do uso da documentação oficial, sobretudo da legislação escolar, pouco a pouco, os arquivos pessoais vão ganhando importância como ingredientes fundamentais para a escrita do trajeto histórico que o ensino de Matemática seguiu em nosso país. Um exemplo disso é o estudo de Dassie (2001) que, em muito, serviu-se do arquivo Gustavo Capanema para discutir a elaboração dos programas da disciplina a partir dos anos 1940. O autor mostra como os documentos pessoais do Ministro da Educação e Saúde Pública, tomados como fontes de pesquisa histórica, permitem reconstruir o jogo político que envolveu a participação direta do Exército, da Igreja e de grupos de educadores, na elaboração da proposta para o ensino de Matemática, na Lei Orgânica do Ensino Secundário de 4 de abril de 1942.

Nessa perspectiva, consideramos de importância fundamental também poder contar, como fontes de pesquisa, com os papéis pessoais de

* Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação Matemática – PUCSP. valente@pucsp.br

professores de Matemática. Sobretudo com documentos de profissionais que, mais diretamente, estiveram envolvidos nos debates, nas propostas, na produção de livros didáticos e em toda sorte de atividades que, de um modo ou de outro, tiveram significado nos rumos que a Educação Matemática tomou no Brasil.

É intenção deste trabalho ressaltar a importância dos arquivos pessoais como fontes para a escrita da história da Educação Matemática, em particular, analisando alguns documentos do professor Euclides Roxo.

Quem foi Euclides Roxo?

Euclides de Medeiros Guimarães Roxo nasceu circunstancialmente em Aracaju, Sergipe, em 10 de dezembro de 1890, pois seu pai, engenheiro, viajava muito e realizava obras por todo o País. Em 1904, Euclides Roxo ingressa no Colégio Pedro II. A partir de 1915, Roxo torna-se professor substituto de Aritmética do mesmo Colégio. Roxo forma-se pela Escola Politécnica do Rio de Janeiro em 1916 e, três anos mais tarde, assume a cátedra de Matemática do Pedro II, substituindo Eugênio de Barros Raja Gabaglia, morto no mesmo ano. Em 1923, publica seu primeiro livro de circulação nacional, intitulado *Lições de Arithmetica*. Dois anos mais tarde, em 1925, Roxo é nomeado Diretor do Externato do Colégio Pedro II. Em 1927, encaminha, à Congregação do estabelecimento-modelo para o ensino secundário no País, uma proposta de renovação do ensino das Matemáticas, a partir da criação da disciplina Matemática, que deveria ser o resultado da fusão dos ramos aritmética, álgebra e geometria, até então ensinados separadamente. Em 1929, Roxo torna-se membro do conselho diretor da Associação Brasileira de Educação - ABE. No mesmo ano, publica o primeiro volume de uma coleção de livros didáticos escritos para atender à proposta renovadora do ensino de Matemática, intitulado "Curso de Mathematica

Elementar", onde os temas da aritmética, da geometria e da álgebra aparecem fundidos. Vinda a Revolução de 1930, Roxo, ligado à República Velha, pede demissão do cargo de diretor do Externato do Colégio Pedro II, retornando, depois de um período de cerca de dois meses, à direção do Internato do mesmo Colégio. Euclides Roxo foi o responsável pelos programas de Matemática da Reforma "Francisco Campos" e participou ativamente do grupo encarregado de elaborar os programas de Matemática, em 1942, na Reforma "Gustavo Capanema". Ainda em 1937, foi nomeado diretor da Divisão do Ensino Secundário. No mesmo ano, publica a obra "A Matemática na educação secundária" onde detalha as influências que sofreu do movimento de internacionalização do ensino da Matemática em suas propostas de ensino. Roxo morre em 21 de setembro de 1950, deixando, por sua atuação no Colégio Pedro II, nos dois primeiros ministérios da Educação e Saúde, nos livros que escreveu e nos cargos que exerceu, marcas decisivas nos rumos da Educação Matemática no período 1920-1950.

O APER - Arquivo Pessoal Euclides Roxo

Através de contatos com o Sr. Stélio Roxo, filho de Euclides Roxo, pudemos consultar os documentos pessoais do principal personagem da Educação Matemática brasileira no período 1920-1950. Após várias visitas feitas à residência de Stélio Roxo, conseguimos a doação do material para estudos e pesquisas, com vistas à escrita da história do trajeto do ensino de Matemática no Brasil. O material foi levado ao Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação Matemática da PUC-SP. Para a organização dos documentos e sua utilização em pesquisas, foi, em seguida, elaborado o projeto "História da Educação Matemática no Brasil, 1920-1960", que vem sendo desenvolvido, com financiamento da FAPESP, por um grupo de oito mestrandos e dois alunos de iniciação científica, sob nossa coordenação.

A partir do material doado, nossos alunos tiveram, desde logo, oportunidade de tomar ciência de como se opera a transformação de um conjunto de *documentos* em *fontes* de pesquisa. De início, fizeram visitas a outras instituições, particularmente o MAST- Museu de Astronomia e Ciências Afins, do Rio de Janeiro, onde estão guardados muitos arquivos pessoais de matemáticos e cientistas brasileiros. Ali, puderam obter informações sobre catalogação, acondicionamento e restauração de documentos. Após essa etapa, separaram, classificaram e catalogaram os papéis doados. Atualmente, vêm fazendo uso do fruto desse trabalho como fontes para suas próprias investigações.

O APER foi organizado durante o ano de 2001, tendo sido feita a revisão do trabalho durante o mês de janeiro de 2002. O acervo constituído cobre o período de 1909 a 1955. Os documentos somam o total de 624, distribuídos em 387 textuais, 235 impressos e 2 iconográficos. Terminado o trabalho de organização material, publicou-se, em número especial da revista *Educação Matemática Pesquisa*, do Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação Matemática da PUC-SP, o texto "APER- Arquivo Pessoal Euclides Roxo - Inventário Sumário", um guia de fontes para auxílio de qualquer pesquisador que deseje utilizar os papéis pessoais de Euclides Roxo em suas investigações. O APER encontra-se aberto à consulta de estudantes e pesquisadores no Campus Marquês de Paranaguá, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

Dentre os documentos do APER estão cartas, rascunhos de livros didáticos, recortes de jornal, além de muitos outros materiais que poderão contribuir grandemente para a escrita da história da Educação Matemática no Brasil, sobretudo na era Vargas. Seguindo padrões internacionais de arquivística, os documentos foram classificados em quatro categorias (pessoais, produção intelectual, técnico-administrativos e complementares), a

fim de melhor poderem servir como instrumentos de pesquisa. Entre os documentos classificados na categoria *personais*, é possível consultar, por exemplo, um rascunho de contrato para elaboração de livros didáticos pelos autores Cécil Thiré, Mello e Souza e Euclides Roxo. Esse documento atesta o abandono, por Roxo, do projeto inicial denominado "Curso de Matemática Elementar", em que a Matemática seria ensinada através da fusão de seus diferentes ramos. Dentre os *técnico-administrativos*, estão vários projetos relativos ao Colégio Pedro II, entre eles, uma carta do Ministro Gustavo Capanema apresentando o arquiteto Oscar Niemeyer — indicado para elaborar o projeto do novo edifício do Colégio — a Euclides Roxo.. A série *produção intelectual*, dentre muitos papéis, reúne toda uma documentação relativa às propostas de ensino de Matemática oficializadas pelas Reformas "Francisco Campos" e "Gustavo Capanema". Nessa série estão, também, os recortes publicados pelo *Jornal do Commercio*, entre dezembro de 1930 e março de 1931, com os artigos de Euclides Roxo justificando os conteúdos da Reforma "Campos", para o ensino de Matemática, a partir da reação negativa de vários professores do ensino secundário da época. Na categoria denominada *complementares*, estão, por exemplo, os inúmeros recortes de vários jornais que trazem artigos referentes às reformas de ensino, desde os anos 20 até finais dos anos 1940.

Utilizando o APER

Novamente trazendo as reflexões de Prochasson, acerca do uso de arquivos pessoais na construção da história, destacamos o papel das correspondências, farto material que compõe os arquivos pessoais. Sobre elas o autor destaca que o

tipo de arquivo que as correspondências privadas constituem, é exatamente o segredo que o historiador procura descobrir,

insatisfeito com as manifestações públicas dos homens com os quais habitualmente lida. É tentador poder pôr fim, com esses arquivos, a uma espécie de hegemonia que a história internalista das obras exerce na história intelectual (1998, p.111).

Neste caso, consultando o APER, tratando-se da figura de Euclides Roxo, muitas questões podem ser formuladas à documentação do arquivo, relativamente aos rumos que a educação matemática brasileira tomou. Destaca-se, por exemplo, a permanência do projeto relativo ao ensino de Matemática, concebido e praticado no governo Washington Luiz, depois da Revolução. Assim, cabe a questão: Por que uma proposta de reorganização do ensino de Matemática, surgida em tempos de República Velha, foi encampada pelo governo revolucionário de Getúlio Vargas?

A partir do APER, é possível responder a essa questão, o que nos permitirá, em boa medida, ultrapassar o que Prochasson classifica de "hegemonia da história internalista". Em nosso caso, ultrapassar as análises que tomam exclusivamente as obras de Euclides Roxo para compreender o primeiro movimento de renovação do ensino de Matemática no Brasil.

A adoção, pelo governo revolucionário, de uma proposta do antigo regime, procurar-se-á mostrar, foi possível, em grande medida, pela permanência de Euclides Roxo à testa do Colégio Pedro II. Essa permanência, no entanto, constituía grande problema, já que Roxo tinha laços muito estreitos com o governo deposto e pronunciou-se publicamente contra as forças golpistas.

Assim, utilizando o APER, as considerações que seguem buscam analisar o contexto da permanência do professor Euclides Roxo na direção do Colégio Pedro II, após o movimento que levou Getúlio Vargas ao poder, mesmo sendo conhecida publicamente sua posição anti-revolucionária.

Cargo de confiança que poderia, talvez, equiparar-se ao de um ministro, a direção do Colégio Pedro II, estabelecimento-modelo para o País a partir de sua fundação em 1837, foi ocupada por um professor de Matemática desde 1925 até 1935⁴. Nesse período, Euclides Roxo colocou em marcha a primeira grande reforma para o ensino de Matemática no Brasil, em nível elementar, dando continuidade, em meio à Revolução, a suas idéias enunciadas desde a República Velha. Eis os fatos, cuja análise consideramos importante:

Agosto de 1915. Floriano Peixoto assina autorização para Euclides de Medeiros Guimarães Roxo dar aulas como assistente no Colégio Pedro II⁵. Roxo, ex-aluno do Colégio, onde ingressou em 1904, tinha alunos particulares a quem ensinava Matemática dentro do próprio Internato, em seu tempo de estudante. Graduou-se na Escola Politécnica em 1914 (REVISTA INTERNATO, 1951). O curso natural de sua história de vida, desde o início, apontou para o magistério em Matemática. Àquele tempo, em meio à República Velha, fora do magistério, não havia outras opções, além do trabalho como engenheiro. Carlos Drummond de Andrade, analisando a época, sintetiza as possibilidades profissionais aos egressos do ensino superior:

completada a formação intelectual, tinham que optar pela burocratização em torno do governo ou pela aceitação pura e simples de uma profissão sem brilho. O governo oferecia emprego a todos, mas não permitia que participassem da direção dos negócios públicos. Cada bacharel em sua promotoria, cada médico em seu hospital, a direção do Estado ficava entregue a meia dúzia de iniciados, detentores de fórmulas mágicas e confidenciais, que realizavam o bem

⁴ Em realidade, somente em 1937 Roxo deixa oficialmente a direção do Colégio Pedro II. Segundo depoimento do filho Stélio, em 1935 Roxo pede afastamento do cargo em razão da morte de sua filha Leylah, com 12 anos.

⁵ Documento de 13 de agosto de 1915, do Arquivo Pessoal Euclides Roxo (APER).

do povo sem que ninguém, nem mesmo o povo, percebesse (DRUMMOND apud SCHWARTZMAN et al., 2000, p.45).

Desse modo, o magistério, algo diferente das repartições, representava também uma espécie de burocratização em torno do governo.

Dezembro de 1915. Euclides Roxo é nomeado "para exercer, pelo prazo de três anos, as funções de substituto de aritmética do Colégio Pedro II"⁶. Com a morte do professor Eugênio de Barros Raja Gabaglia, antigo catedrático de Matemática da Escola, fica imediatamente aberta a discussão sobre o preenchimento dessa cátedra do Colégio. No intuito de obter a vaga, o professor Arthur Thiré pede sua transferência do Internato para o Externato. Euclides Roxo reage, objetando que a vaga lhe pertence em face da lei e do Regulamento Interno do Colégio Pedro II. Pondera, ainda, que é o substituto e assim se coloca em primeiro lugar para a vaga aberta (LACP, 1919, 07/05:221). Ao final, Roxo vence a discussão e é nomeado "catedrático interino de Matemática" do Colégio, a partir de março de 1919⁷. No mesmo ano, o presidente Epitácio Pessoa torna Euclides Roxo "professor catedrático do Colégio Pedro II"⁸.

O Colégio Pedro II, nos anos 1920, representa numa instituição emblemática, num Brasil sem escolas e com milhões de analfabetos⁹. O ensino secundário chama para si todo o centro dos debates sobre educação a que a década irá assistir, e que prosseguirão nos anos 1930 e 1940. O

⁶ Documento assinado por Carlos Maximiliano Pereira dos Santos, Ministro do Estado da Justiça e Negócios Interiores, em nome do Presidente da República, em 30 de dezembro de 1915 (APER).

⁷ Assina a nomeação o diretor do Colégio Pedro II, Carlos Laet (APER).

⁸ Documento da Presidência da República, datado de 1º de outubro de 1919 (APER).

⁹ Nagle (1974, p.112) ressalta que "os dados levantados pelo recenseamento de 1920, as discussões e os estudos resultantes da conferência sobre o ensino primário de 1921" somaram-se ao "constrangimento que dominou o ambiente espiritual em 1922, quando, ao mesmo tempo em que se procurava comemorar o primeiro centenário da independência, pesava sobre a Nação uma quota de 80% de analfabetos".

secundário é o lugar para se discutir o modo de formação das elites, da seleção dos privilegiados que irão para o ensino superior. São fundadas associações que deslocam o fórum dos debates do Congresso para os especialistas em educação, com destaque para a Associação Brasileira de Educação, criada em 1924; inquéritos, enquetes sobre a educação buscarão fórmulas para o melhor ensino; será desencadeada a discussão do que melhor constituiria a cultura geral escolar: ensino clássico-literário, ou científico? Reformas educacionais ocorrerão com vistas à modernização, à introdução no País do escolanovismo.

A década de 1920 irá viver o clima não apenas do "entusiasmo pela educação" — cujo significado é a crença de que, pela multiplicação das instituições escolares, pela disseminação da educação escolar, será possível incorporar grandes camadas da população no rumo do progresso nacional — e do "otimismo pedagógico", que representa a idéia de que o escolanovismo daria conta da verdadeira formação do novo homem brasileiro (NAGLE, 1974, p.99-100). Trata-se de tomar a educação como acelerador do processo de modernização, na passagem da civilização agrário-comercial para o modo urbano-industrial de viver. Modernizar será, então, romper com as estruturas oligárquicas agrárias, que mantêm o País no analfabetismo, na ignorância e que não construíram um verdadeiro sistema escolar.

Agosto de 1925. Euclides Roxo é nomeado "para exercer, interinamente, o cargo de Diretor do Externato Pedro II"¹⁰. Arthur Bernardes ratifica a nomeação, tornando-o, em 3 de março de 1926, Diretor do Externato do Colégio Pedro II¹¹.

¹⁰ Documento assinado por Afonso Pena, Ministro de Estado da Justiça e Negócios Interiores, em nome do Presidente da República, em 19 de agosto de 1925 (APER).

¹¹ Documento da Presidência da República, assinado por Arthur Bernardes e Afonso Pena (APER).

A experiência como professor do Pedro II; a participação como elemento da Comissão de Ensino do Colégio, responsável pela programação de Matemática; o sucesso obtido por seu primeiro livro de circulação nacional, *Lições de Aritmética*; a prática de estar sempre atualizado em relação aos novos lançamentos de livros¹², principalmente ligados ao ensino de Matemática; e a posição de diretor do Pedro II, são elementos fundamentais que explicam a iniciativa de Euclides Roxo de propor à Congregação do Colégio Pedro II, em 14 de novembro de 1927, uma alteração radical no ensino de Matemática. A proposta é elaborada a partir de vários "considerandos". Desde o primeiro, Roxo retoma a discussão internacional sobre modernização do ensino, trazida pela Alemanha à Comissão Internacional¹³ (LACP, 1927, 14/11:64-67).

Assim, o documento começa: "Considerando que urge adotar, entre nós, os métodos de ensino da Matemática elementar introduzidos pela grande reforma que o professor Klein iniciou na Alemanha há cerca de trinta anos e que já se acham adotados em quase todos os países civilizados do mundo". Seguem os considerandos, destacando que "um dos pontos capitais da nova orientação está em acabar com a divisão da ciência Matemática em partes distintas e separadas (aritmética, álgebra e geometria)". Citando Jorge

¹² O APER contém dezenas de cartas de Euclides Roxo enviadas e recebidas de editoras nacionais e estrangeiras para a compra de livros.

¹³ Em 1908, em Roma, matemáticos estão preocupados em discutir o ensino de Matemática. É a primeira vez em que, reunidos em congresso internacional, consideram ser importante debater questões ligadas ao ensino. Ao que parece, de modo inédito até então, busca-se internacionalizar o ensino da Matemática. David Eugene Smith, professor de Matemática do *Teachers College* de Nova Iorque, vê suas intenções, apresentadas em 1905, finalmente serem acatadas. Naquele ano, Smith havia sugerido a criação de uma comissão internacional para estudo do ensino de Matemática. A comissão é constituída, em Roma, por ocasião do IV Congresso Internacional de Matemáticos (CIEM, 1908:446), e, para dirigi-la, é eleito um comitê central, com a direção dos matemáticos Félix Klein, Henri Fehr e George Greenhill. Os objetivos oficiais do movimento de reforma desencadeado a partir da criação da comissão internacional IMUK (Internationale Mathematische Unterrichtskommission) / CIEM (Commission Internationale de l'Enseignement Mathématique) incluem "a reorientação dos métodos de ensino no sentido da intuição e das aplicações" (SCHUBRING, 1999, p.37).

Duclout, professor da Faculdade de Ciências e da Escola Normal de Buenos Aires, o texto destaca que:

à luz das modernas idéias pedagógicas, a ciência Matemática sob as suas três faces numérica, simbólica e gráfica - é uma só e não é conveniente, sob o ponto de vista didático, separá-la, por divisões estanques ou dogmáticas em aritmética, álgebra e geometria; antes convém, tanto quanto possível, expor os mesmos princípios sob os três pontos de vista, dando forma concreta ao ensino, procurando, em uma palavra, fazer entrar a Matemática "pelos olhos", até que o aluno se ache bastante exercitado para tratar as questões de um modo abstrato.

Enfatizando novamente a unificação, o texto analisa, em seguida, a situação do ensino no Colégio, considerando que a "seriação das matérias Aritmética, Álgebra e Geometria, no curso do Colégio Pedro II é, como se vê, antiquada, pois não permite a adoção da orientação pedagógica atualmente aceita em quase todo o mundo". O texto, assinado por mais de dois terços dos professores, propõe ao governo "modificar a distribuição das matérias do curso secundário, do seguinte modo: o estudo da aritmética, álgebra, geometria, trigonometria se fará sob a denominação única de Matemática, do 1º ao 4º ano do curso".

1928: a Congregação do Colégio Pedro II recebe dois ofícios. O primeiro do Departamento Nacional de Ensino e o segundo da Associação Brasileira de Educação. Ambos manifestam-se favoráveis às modificações no ensino de Matemática, aprovando e apoiando a iniciativa de Euclides Roxo (LACP, 1928, 18/06:79). O Decreto 18.564, de 15 de janeiro de 1929, oficializa o aceite da proposta modernizadora encabeçada por Roxo. Apesar de o Colégio Pedro II ser referência para o ensino secundário do País, as modificações trazidas pelo Decreto deverão ser seguidas apenas no Pedro II (MIORIM, 1998, p.92).

Devido à ausência dos antigos catedráticos do Colégio Pedro II; ao falecimento de Eugênio de Barros Raja Gabaglia; e à viagem de Joaquim Almeida Lisboa ao exterior, uma nova geração assume o comando do ensino da Matemática, no Colégio Pedro II. Essa nova geração, encabeçada por Euclides Roxo, não encontra, aparentemente, dificuldades de produzir inovações no ensino através da modificação de seus programas. Será pela modernização da Matemática escolar que o ensino secundário buscará alinhar-se aos novos ventos “escolanovistas”, tendo Euclides Roxo como seu personagem principal.

Outubro de 1930: as impressões de Euclides Roxo sobre a chegada da Revolução

Um documento manuscrito, sob a forma de narrativa para um diário, revela as impressões de Euclides Roxo sobre a chegada da Revolução que levou Vargas ao poder. A posição legalista de Roxo o faz descrever o ápice da Revolução como um conjunto de manifestações de bagunceiros, embriagados e de mulheres desavergonhadas. O relato de Roxo revela o quanto alheio e contrário ao movimento encontrava-se o diretor do Colégio Pedro II. Sigamos o seu relato:

Dia 25. As duas horas da tarde. Desço à cidade: ao passar os arcos vejo o fumo saindo das janelas do edifício da "Noite", mais aquém outro grande rolo de fumo, acolá outro; "são os jornais incendiados, o 'País', a 'Gazeta', a 'Ordem' ..." diz um passageiro. Embaixo passam automóveis com gente na capota como no Carnaval; nas janelas de uma casa de apartamentos da (ilegível) há panos vermelhos, tafetás, colchas vermelhas e mulheres vestidas de vermelho com ares desavergonhados. Atravesso o Largo da Carioca; não há bondes; os automóveis cheios de gente com panos vermelhos, em todos os sentidos, sem "mão"; há pedaços de jornais pelo chão; chego à Avenida. Um populacho amorfo, mesclado move-se, agita-se; tenho a impressão de que todos

estão loucos ou embriagados; parece-me às vezes que estou sonhando; nos grupos que passam há uma (ilegível) atrevida, um ar de "devergondage", como se de repente, tivessem anulado todas as leis, todos os códigos e se tivessem destruído todos os preconceitos sociais, todos os imperativos morais que retêm os homens dentro de uma conduta elevada. Parece que alguma coisa desabou e que pelas ruas rolam cacos de uma sociedade espatifada. Passam caminhões cheios, atulhados de gente, numa enorme promiscuidade; mulatos, mulheres, estrangeiros, soldados, gente bem vestida, marinheiros, colegiais; muitos estão embriagados, loucos de gritar; jogam para o povo flores murchas, pedaços de pano vermelho. Junto a mim passa um grupo de rapazes e moças, estão todos de vermelho, da cabeça aos pés, vão ziguezagueando descabelados (Tenho a impressão de estarem embriagados, mas parecem moças de família); trazem cabos de vassoura na mão e com eles vão procurando raspar os cartazes com o retrato de Washington Luiz; vem outro grupo de rapazes, estes mais firmes, fortes, (ilegível) com calça (ilegível) e perneiras, mas sem paletó e com a camisa aberta; têm um ar decidido, cheio de audácia, passos largos, o olhar (ilegível) um deles para diante de um cartaz, ergue o busto, abre o peito e dá uma cusparada no retrato do Washington. Procuro ansioso um jornal; não há jornaleiros; apanho uns pedaços no chão, mas estão sujos e amarrotados, não consigo ler. Vou atravessar a Avenida para ver se encontro um jornaleiro; passa junto a mim, sem me ver, um grupo conhecido: Gois - irmão do Diretor de Gabinete do governo deposto, com grandes lenços vermelhos no bolso do paletó, gritando, em companhia de outros rapazes. Passa um esquadrão de soldados a cavalo, com carabinas, mas sentados de banda, falando com o povo que lhes jogava flores murchas apanhadas do chão. Para em frente à Galeria (ilegível) um automóvel apinhado; vem no meio o Maurício de Lacerda, com um papel na mão, gritando, mas não se ouve nada do que ele diz; lê o papel, que parece um telegrama, e depois o atira para o povo que grita cada vez mais.

Como compreender a posição legalista de Roxo? Euclides Roxo nasce, praticamente, com a República, em 10 de dezembro de 1890. Toda sua trajetória profissional alicerça-se na República Velha. Roxo casa-se com Marília de Alencar, neta do almirante Alexandrino de Alencar, Ministro da

Marinha de quase todos os presidentes da Primeira República. Sua ligação com os homens do poder da velha oligarquia era, portanto, estreita. Não nos causa admiração, pois, que, vinda a Revolução, Roxo tivesse se apressado em pedir demissão das funções que ocupava como Diretor do Externato do Colégio Pedro II.

Euclides Roxo pede demissão do cargo de diretor do Externato do Colégio Pedro II

Na manhã de ontem, as notícias que corriam pela cidade desde a véspera foram todas confirmadas. Desde madrugada, se achavam reunidos, no forte Copacabana, os generais Tasso Fragoso, Menna Barreto e outras altas patentes militares e navais (...).

Assim começa a matéria do Jornal "Diário da Noite", de 25 de outubro de 1930, dia seguinte à Revolução. Em suas páginas, fotos e o relato passo a passo da tomada do poder a Washington Luiz. Em lugar de destaque, em meio ao texto sobre a Revolução que triunfava, a notícia: "Exonerou-se o Diretor do Externato Pedro II". Suas poucas linhas diziam: *Esteve no Gabinete do Dr. Gabriel Bernardes, ministro da Justiça da Junta Revolucionária, o Dr. Euclides Roxo, que foi comunicar àquele titular a sua exoneração, e que havia passado a direção do Externato ao Dr. Souza Reis, vice-diretor do respectivo Externato.*

Em outro documento do APER, Roxo descreve como procedeu para exonerar-se do cargo de diretor do Externato Pedro II. Relata que já havia prevenido o vice-diretor que iria lhe passar a direção tão logo o movimento revolucionário saísse vitorioso. Marcou, para as dez horas do dia seguinte à Revolução, um encontro com professores, funcionários e alunos do Colégio. Antes, no Palácio do Catete, objetou que não se encontrava bem de saúde e,

em razão disso, entregava o cargo. Para professores, funcionários e alunos pronuncia o seguinte discurso:

Aqui estou para entregar o cargo de Diretor deste Externato ao meu substituto legal, Prof. Othelo Reis, vice-diretor. Resulta esta minha resolução da atual situação do país. Quem soube da minha atitude anterior à vitória da Revolução, não podia esperar de mim outra cousa. O momento não é para críticas e explanações. Quero, porém, aproveitar este instante único que se me oferece, entre emoções de uma despedida, para fazer um apelo aos meus colegas, professores, e aos Srs. inspetores de alunos. Somos todos educadores, compete-nos a tarefa de desenvolver a inteligência e plasmar os caracteres da juventude de nossos patrícios; trabalhem, pois, de hoje em diante, cada vez mais, para que se forme, nos adolescentes de nossa pátria, uma alta mentalidade cívica e uma envergadura moral, que permita possa o Brasil ainda algum dia resolver as suas questões políticas sem a intervenção das "pontas de lança" nem "das patas de cavalo" e atingir um grau de civilização e consciência cívica, que o ponha ao lado de países como os Estados Unidos, o Japão, a Alemanha e a França e deixando o paralelo em que se acha com o México, a China e a Nicarágua. Eu sei que a minha atitude é isolada neste momento, sei que talvez não haja, entre os que me ouvem, um só que compartilhe da minha opinião; mas não costumo, em assuntos dessa relevância, disfarçar o meu pensamento, custe-me isso o que custar. Se eu me quisesse apegar ao cargo de Diretor, bastaria que eu apenas ficasse calado; disponho de grandes amigos entre os revoltosos e deles apenas citarei um: o desembargador Armando Alencar, tio de minha senhora, é riograndense, íntimo do Sr. Getúlio Vargas é, talvez, um dos chefes do atual movimento revoltoso e estaria pronto a interceder para que eu fosse mantido neste cargo, se isso fosse necessário e se eu não manifestasse, como estou manifestando, o meu juízo sobre o atual momento. Perdoem-me essa expansão sobre assunto de ordem privada, mas eu quero, com isso, salientar bem que eu me retiro por minha espontânea vontade e decisão irrevogável. Ainda como despedida aos meus alunos, eu lhes apresento, a seu exame, o meu sincero procedimento neste instante, esperando que a minha atitude lhes possa servir de lição de civismo e de caráter, a fim de que saibam, em todos

os dias de sua vida, defender com sinceridade as suas idéias e assumir desassombradamente a atitude que a sua consciência lhes ditar.

Apesar do discurso, que parece ter sido inflamado, da afirmação de uma atitude irrevogável, o próprio Euclides Roxo deixa entender outra coisa, no documento em que relata sua exoneração. Descrevendo os acontecimentos que ocorreram após a sua estada no Externato Pedro II, naquele 25 de outubro de 1930, Roxo conta que vários professores estiveram em sua casa pedindo que reconsiderasse, que voltasse atrás em sua atitude, ao que ele teria respondido que "ainda era cedo para isso", que "era preciso esperar um pouco mais tempo".

A nomeação de Euclides Roxo para diretor do Internato do Colégio Pedro II

Em tempos de Revolução, o tempo a que se referia Euclides Roxo, quando ponderava com seus professores, amigos do Pedro II, sobre sua volta à direção do estabelecimento, foi curto. A ausência de Euclides Roxo da direção do Colégio Pedro II não chegou a dois meses.

Num terceiro manuscrito, Euclides Roxo relata como se deu o seu retorno à direção, desta vez, ao Internato Pedro II. Ele conta que Delgado de Carvalho, professor do Colégio e seu amigo pessoal, teria sido chamado por Francisco Campos, que desejava nomeá-lo Diretor do Internato, ao que seu amigo prontamente recusou. Em seguida, a Delgado teria sido solicitada uma indicação, pois era desejo do Ministro "evitar que as injunções forçassem a nomeação de um candidato estranho ao corpo docente do Colégio". Euclides Roxo relata que Delgado respondeu que "o único nome que ele poderia citar com consciência e critério em sua administração no Externato, era o meu [o de Euclides Roxo] (...)". O emissário de Francisco Campos, portador do

convite a Delgado de Carvalho, ponderou que levaria a indicação, apesar do nome de Roxo estar na lista dos mais entusiastas do governo deposto. Assim, o Dr. Rodrigo - o emissário de Francisco Campos - pediu a Delgado outro nome. O segundo nome mencionado teria sido o de outro professor, Fernando Raja Gabaglia, que foi considerado pelo representante do Ministro, "muito político". Nas despedidas entre Delgado e o representante de Francisco Campos, Roxo menciona que Delgado teria dito que, se o Ministro não aceitasse a sua recusa, e a transformasse numa ordem, solicitaria a direção do Externato, já que não se achava com competência para administrar o Internato do Colégio.

Euclides Roxo, continuando sua narrativa, relata que, no mesmo dia 9 de dezembro de 1930, por volta das 12:30 horas, recebeu um telefonema de Delgado de Carvalho que o colocou a par de que ele, Roxo, havia sido nomeado diretor do Internato do Colégio Pedro II. Roxo descreve ainda que, na manhã do dia seguinte, no Ministério, o representante de Francisco Campos contou que o Ministro havia convencido Getúlio Vargas que a atitude legalista de Roxo em nada impedia que o Governo solicitasse a sua colaboração, julgada necessária ao melhoramento do ensino. Roxo acrescenta que sua nomeação teria sido considerada muito bem-vinda por Francisco Campos, no momento em que este pretendia empreender grandes reformas, principalmente no ensino secundário que, no dizer do Ministro, "é o que mais precisa ser melhorado pois aí é que 'o navio está fazendo água' "

Assim é que, em 11 de dezembro de 1930, Euclides Roxo toma posse do cargo de diretor do Internato do Colégio Pedro II, localizado em São Cristóvão¹⁴.

¹⁴ Documento do Chefe do Governo Provisório da República dos Estados Unidos do Brasil, em 8 de dezembro de 1930, assinado por Getúlio Vargas e Francisco Campos (APER).

Pouco tempo irá demorar para Euclides Roxo ser chamado pelo Ministro da Educação e Saúde Pública para constituir uma comissão com o fim de elaborar o que viria a ser conhecida, posteriormente, por Reforma "Francisco Campos". Euclides Roxo será o autor dos programas de Matemática. Mais que isso, Euclides Roxo torna-se o responsável pelo arranjo curricular que diminui a carga horária das humanidades e aumenta a presença das disciplinas científicas no âmbito da formação geral do ensino secundário. Será por intermédio da reforma do ensino da Matemática — trazida pelos programas que Roxo implantou, desde as discussões levadas no Externato do Colégio Pedro II, a partir de 1927 — que, por exemplo, o ensino de latim terá diminuído o seu peso no currículo, em favor do ensino científico¹⁵. Roxo conseguirá, desse modo, expandir sua proposta renovadora do ensino de Matemática para todo o País, através da Reforma "Francisco Campos".

Conclusões

Prochasson (1998, p.112), em seu texto bastante esclarecedor sobre a prática historiográfica que lança mão dos arquivos privados, alerta que "existem cartas ou documentos privados cujo autor mal disfarça o desejo, talvez inconsciente, de torná-los, o quanto antes, documentos públicos". Mais adiante, o mesmo autor pondera que

as razões que levam a um tal comportamento me parecem indicar uma consciência da história que vem pôr um limite inegável à autenticidade. Nada corre o risco de ser mais falso do que a "bela carta" ou o arquivo privado "que se basta a si

¹⁵ Esse será um dos pontos de atrito e de crítica da Reforma "Francisco Campos" por parte dos defensores da volta do caráter clássico-literário do currículo do secundário, em tempos de elaboração da Reforma "Gustavo Capanema" (DASSIE, 2000).

mesmo", que é "tão revelador". Há aí algumas armadilhas preparadas.

Assim, a análise dos documentos do APER que dizem respeito à saída e ao retorno de Euclides Roxo da direção do Colégio Pedro II precisa ser problematizada.

Ao que tudo indica, o autor tinha intenção de divulgar os seus escritos. Sua narrativa, didaticamente escrita, sob forma de um diário, parece revelar-nos isso. Entre as idas e vindas de Euclides Roxo do Colégio Pedro II, seus relatos buscam convencer o leitor de que, em meio à Revolução, sua competência técnica pesou para sua permanência na direção do principal estabelecimento de ensino secundário do País. Apesar de publicamente legalista, avesso às imposições pelas armas, Roxo quer mostrar-nos que não era político. Por outro lado, Roxo busca justificar o seu retorno através de um dever cívico para com o País e a educação nacional que estava sendo organizada. É desse modo que Euclides aceita o seu novo posto, relatando num de seus manuscritos: "só me restava aceitar o cargo, pois não podia recusar, ao meu País e à causa da educação, os serviços que me eram solicitados, sem exigirem a minha adesão".

No discurso em que deixa a direção do Externato do Colégio Pedro II "em caráter irrevogável", Euclides Roxo menciona que poderia permanecer no cargo, pois o tio de sua esposa, Armando Alencar, um dos revoltosos, era muito próximo de Getúlio Vargas e, assim como este, também riograndense. Roxo enfatiza que não iria utilizar esse expediente. No entanto, em meio aos papéis do APER, há uma cópia de um bilhete, datado de 24 de novembro de 1931, do mesmo Armando Alencar, endereçado a Vargas, sugerindo que Euclides Roxo retornasse ao Externato do Colégio Pedro II. Assim, não há como excluir a possibilidade de Alencar, que tratava Euclides Roxo por sobrinho, no bilhete, ter intercedido junto a Getúlio desde o primeiro momento da Revolução. Além disso, o *Diário Carioca*, em longo editorial do dia 17 de

dezembro de 1930, coloca sob suspeita a permanência de Euclides Roxo à frente do Colégio Pedro II, estranhando a atitude de Vargas que, tendo exonerado, por razões políticas, Paulo de Frontin, da Escola Politécnica; Alcântara Machado, da Faculdade de Direito do Largo São Francisco; Netto Campello, da Faculdade de Direito de Recife e Augusto Vianna, da Faculdade de Medicina da Bahia, procedeu diferentemente com relação a Euclides Roxo.

A permanência de Euclides Roxo na direção do Colégio Pedro II deu-lhe a condição necessária para que viesse a ser co-autor da legislação que viria pela primeira vez dar um caráter nacional ao ensino brasileiro, trazendo para o primeiro currículo nacional a continuidade, em meio à Revolução, do ensino de Matemática.

Referências Bibliográficas

APER. Arquivo Pessoal Euclides Roxo. Centro de Ciências Exatas e Tecnologia/Centro de Documentação da Educação Matemática: PUC-SP.

CIEM. Rapport préliminaire sur l'organisation de la Commission et le plan général de ses travaux. *L'Enseignement mathématique*. Genebra: Georg & Cie. Éditeurs e Paris: Gauthier-Villars Éditeurs. v. 10, 1908.

DASSIE, B. *A Matemática na Reforma Gustavo Capanema*. 2001. Dissertação (Mestrado). Rio de Janeiro: PUC.

LACP. Livros de Atas da Congregação do Colégio Pedro II. Rio de Janeiro. Manuscrito.

MIORIM, M. A. *Introdução à história da educação Matemática*. São Paulo: Atual Editora, 1998.

NAGLE, J. *Educação e Sociedade na Primeira República*. São Paulo: EPU/Editora da Universidade de São Paulo, 1974.

PROCHASSON, C. Atenção: verdade! - Arquivos Privados e Renovação das Práticas Historiográficas. *Revista Estudos Históricos da Fundação Getúlio*

Vargas. Número Especial "Arquivos Pessoais", v. 11, n. 21. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.

REVISTA INTERNATO. Órgão dos antigos alunos e atuais alunos do Internato do Colégio Pedro II. Ano II, jan. de 1951, n. 2.

SCHUBRING, G. O primeiro movimento internacional de reforma curricular em Matemática e o papel da Alemanha: um estudo de caso na transmissão de conceitos. *Zetetiké*. Campinas, SP: FE/Unicamp. v. 7, n. 11, 1999.

SCHWARTZMAN, S. et al. *Tempos de Capanema*. Rio de Janeiro: Paz e Terra/Editora FGV, 2000.